



CONSELHO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA

**SÉRIE
DEFICIÊNCIA
VISUAL**

CAMINHANDO JUNTOS:

**Manual das
habilidades
básicas de
Orientação e
Mobilidade**

VOLUME IV



LARAMARA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA
À PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Felippe, João Álvaro de Moraes

Caminhando juntos : manual das habilidades básicas de orientação e mobilidade : volume IV / João Álvaro de Moraes Felippe. -- São Paulo : Conselho Brasileiro de Oftalmologia : Laramara, 2018. -- (Série deficiência visual)

Bibliografia.

1. Deficiência visual
 2. Deficientes visuais - Educação
 3. Oftalmologia
 4. Qualidade de vida
 5. Saúde - Promoção
- I. Título. II. Série.

18-17871

CDD-362.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Pessoas com deficiência visual : Cuidados : Bem-estar social 362.41

Iolanda Rodrigues Biode - Bibliotecária - CRB-8/10014

VOLUME IV

Informações Gerais

AUTOR

João Álvaro de Moraes Felipe

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

Vera Lúcia Leme Rhein Felipe

COLABORADORES

Isabel Aparecida de Souza

Nelma Martinez de Meo

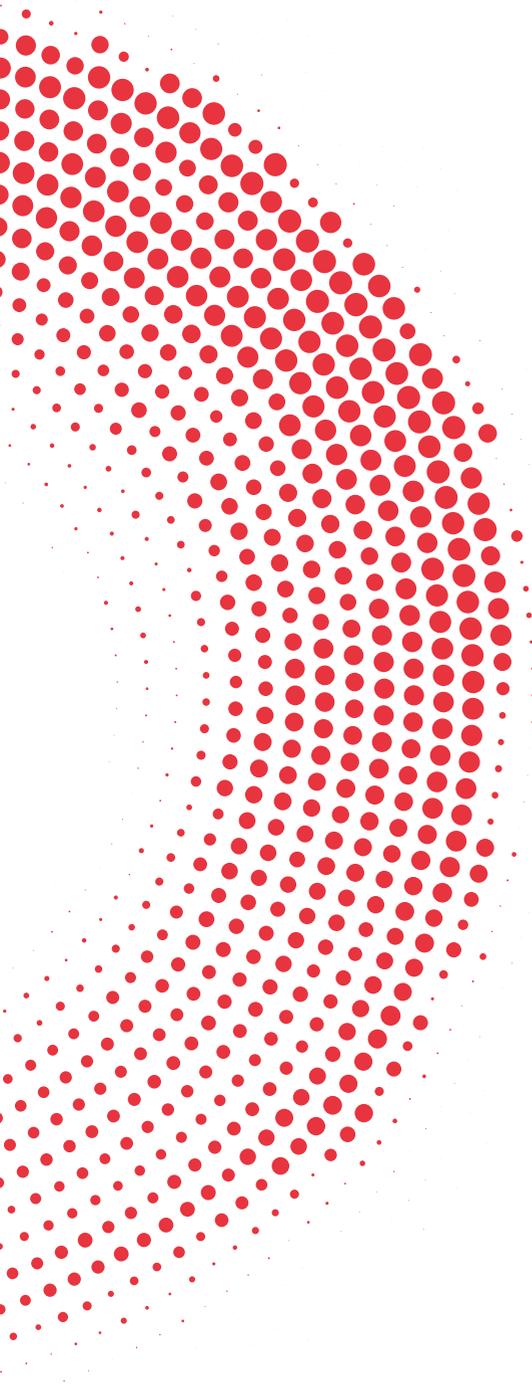
Silverlei Silvestre Vieira

REVISÃO

Célia Campos Pardo

ILUSTRAÇÃO

Saulo Mota da Silveira



Apresentação

Melhorar a qualidade de vida e a inclusão dos jovens com deficiência visual de todas as regiões brasileiras é nosso grande desafio nesses primeiros anos do século XXI.

As crianças brasileiras têm direito à educação e participação na sociedade, não importa o lugar onde vivam.

Compartilhar experiências, aquisições e conhecimentos com famílias, professores e profissionais é importante estratégia nessa luta.

Dar oportunidade para que a criança com deficiência visual seja no futuro cidadão ativo e participante, tenha autonomia e independência para se locomover, realizar suas atividades cotidianas, possa estudar, trabalhar, constituir família e ser feliz, é nossa meta.

O Prof. João Felipe e toda a equipe de Orientação e Mobilidade de Laramara mostram com este Manual seu engajamento nessa luta para a qual convidamos todos os profissionais da área de Orientação e Mobilidade.

Mara O. de Campos Siaulyš

Presidente da Laramara - Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual

Aos pais

O objetivo deste manual é oferecer informações simples e práticas que poderão contribuir para o desenvolvimento da Orientação e Mobilidade do seu filho com deficiência visual, cego ou com baixa visão.

Aos parentes e amigos

Este manual também poderá ajudá-los a estabelecer um convívio mais cooperativo com as pessoas com deficiência visual: crianças, jovens, adultos ou idosos.

Às próprias pessoas com deficiência visual

É desejo nosso que as informações que possam obter, contribuam para a prática real das habilidades da Orientação e Mobilidade em busca da autonomia e independência. Podem ser uma necessidade; é um direito; é um exercício de cidadania.

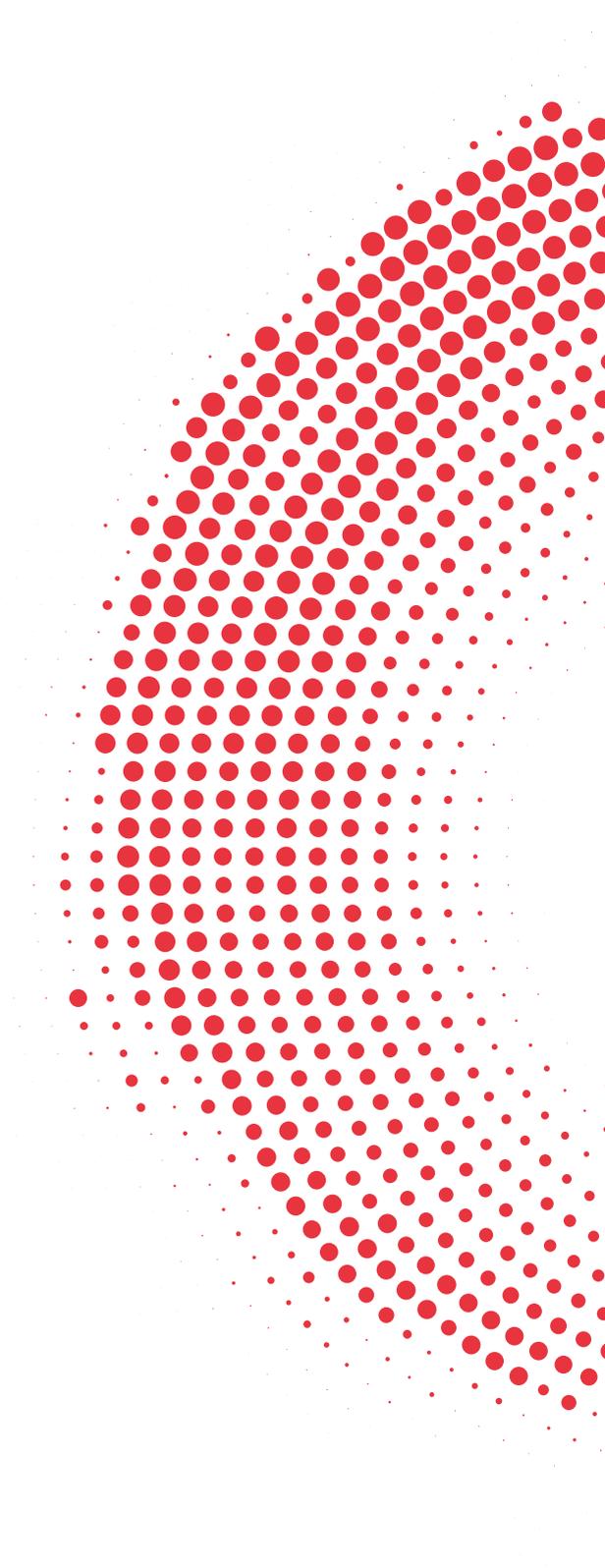
As técnicas, procedimentos e condutas descritos e indicados para o uso no cotidiano, resultam dos trabalhos desenvolvidos por muitos profissionais da área da Orientação e Mobilidade ao longo dos anos e, principalmente, dos próprios ensinamentos que as pessoas com deficiência visual nos passaram através da sua experiência de vida.

A todos

A Orientação e a Mobilidade são fundamentais para a interação do indivíduo com o ambiente. Pode ser a conquista da autonomia e um dos caminhos para a independência. Quanto mais pessoas conhecerem condutas e procedimentos adequados em relação a Orientação e Mobilidade, mais naturalidade teremos no convívio com as pessoas com deficiência visual. É desta forma que compreendemos e contribuímos para o processo de transformação e inclusão social.



Algumas perguntas



1. O que é Orientação e Mobilidade?

A Orientação e a Mobilidade estão presentes na vida de todos nós. A orientação é a capacidade de perceber o ambiente, saber onde estamos. A mobilidade é a capacidade de nos movimentar. A visão, normalmente, é o sentido que mais diretamente colabora para a nossa orientação e mobilidade.

2. O que é Orientação e Mobilidade para a pessoa com deficiência visual?

A Orientação para a pessoa com deficiência visual é o aprendizado no uso dos sentidos para obter informações do ambiente. Saber onde está, para onde quer ir e como fazer para chegar ao lugar desejado. A pessoa pode usar a audição, o tato, a cinestesia (percepção dos seus movimentos), o olfato e a visão residual (quando tem baixa visão) para se orientar.

A Mobilidade é o aprendizado para o controle dos movimentos de forma organizada e eficaz. A pessoa com deficiência visual pode se movimentar:

- com a ajuda de uma outra pessoa – **Guia Vidente**



- usando seu próprio corpo – **Autoproteções**



- usando uma órtese – **Bengala Longa**



- usando um animal – **Cão-Guia**



• usando a tecnologia – **Ajudas Eletrônicas**

3. Das formas de Mobilidade, quais serão apresentadas neste manual?

Estudaremos as três primeiras formas de Mobilidade, ou seja, Guia Vidente, Auto-proteções e Bengala Longa.

São as mais simples e acessíveis a todas as pessoas com deficiência visual. Devem fazer parte de todo bom programa de Orientação e Mobilidade e serão básicas para um bom aproveitamento na utilização do Cão-Guia e das Ajudas Eletrônicas no futuro, quando for o caso.

4. Quem deve ensinar a Orientação e Mobilidade?

Os profissionais devidamente habilitados.

5. Onde encontrar esses profissionais?

No final deste manual apresentamos uma relação de centros que podem indicar serviços com programas de Orientação e Mobilidade no Brasil.

6. Por que um manual dirigido a quem não é profissional?

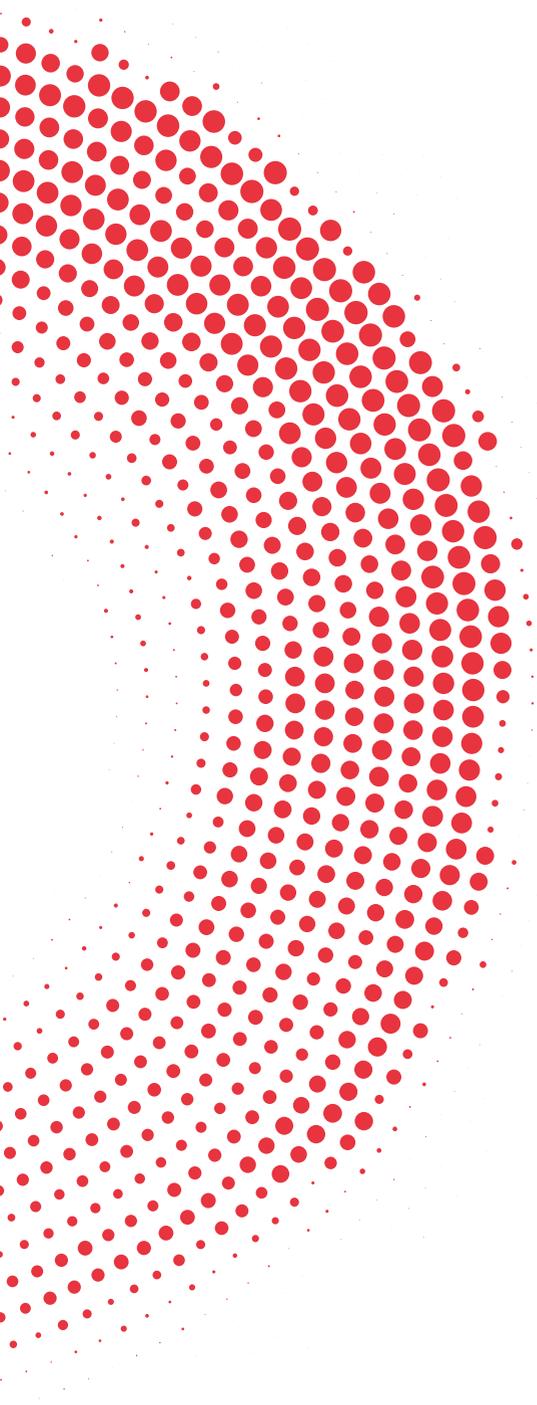
Primeiro, porque muitas pessoas com deficiência visual nos pedem este tipo de material. Também pais, familiares e outras pessoas que convivem com pessoas com deficiência visual sempre nos pediram maiores informações sobre a Orientação e Mobilidade. Consideramos uma solicitação justa.

Segundo, o fato de oferecermos um manual ilustrado, com uma linguagem simplificada, torna possível a um maior número de pessoas adotar os procedimentos mais adequados, contribuindo para a criação de hábitos saudáveis. É a participação de todos no processo de transformação.

O uso do manual por outras pessoas e mesmo pelo indivíduo com deficiência visual não elimina a necessidade de se participar de um programa específico conduzido por um profissional capacitado.

7. Quando daremos nosso primeiro passo nessa caminhada juntos?

Agora.



**1º passo:
Utilização
do Guia
Vidente**

O uso de uma outra pessoa como guia é comum em diversas situações no dia a dia da pessoa com deficiência visual. Apesar de ser uma forma dependente de se locomover, deve possibilitar o controle, a interpretação e a efetiva participação da pessoa cega ou com baixa visão nas decisões do que ocorre durante o seu deslocamento.

A. Posição Básica

Objetivo

Proporcionar à pessoa com deficiência visual a utilização segura, eficiente e adequada de um vidente como guia, estabelecendo uma base para o uso de outros como guias no futuro.

Procedimentos

A pessoa com deficiência visual deve segurar no braço do guia na altura do cotovelo, no punho ou mesmo no ombro, dependendo da diferença de estatura entre ambos.

Esta posição garantirá à pessoa com deficiência visual interpretar as pistas dadas pelos movimentos do corpo do guia, ou seja, quando começa a caminhar, quando pára, quando se vira para a direita, para a esquerda, desvia de obstáculos ou de pessoas, quando sobe ou desce degraus.



B. Troca de Lado

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual mudar de lado por preferência pessoal, razões sociais ou por conforto e tranquilidade, quando enfrentar situações do meio ambiente.

Procedimentos

O guia ou a pessoa com deficiência visual fornece uma pista verbal para a mudança de lado.

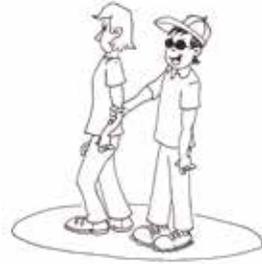
Com a mão livre, a pessoa segura o braço do guia, posicionando-se a um passo atrás dele.



Soltando a primeira mão, ele rastreia as costas do guia até encontrar o braço do outro lado.



Faz a troca de lado, retomando a posição básica.



C. Passagens Estreitas

Objetivo

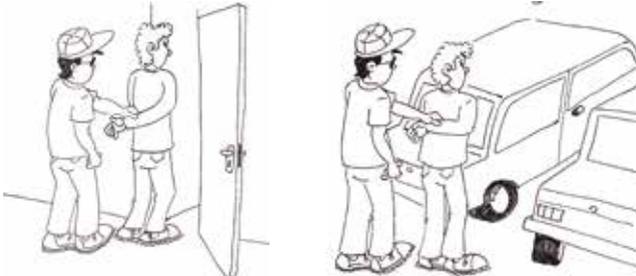
Permitir a passagem, de forma cômoda, quando não é possível manter a posição básica, devido à falta de espaço para o guia e o acompanhante se posicionarem lado a lado (por exemplo, por portas, corredores estreitos, fluxo intenso de pessoas, entre mobílias e objetos, etc).

Procedimentos

O guia dá uma pista verbal ou cinestésica da passagem estreita. A pessoa com deficiência visual também pode pressentir a necessidade de tomar a posição de passagem estreita antes do guia avisar.

A pessoa estende o seu braço e se posiciona atrás do guia, formando coluna (em fila) com o mesmo.

Ao fim da passagem estreita, a pessoa reassume a posição básica. Dependendo da situação, a pessoa deve ficar ao lado do guia, formando fileira, e andar lateralmente.



D. Aceitando, Recusando ou Adequando Ajuda

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual aceitar ou recusar, com eficiência e adequação, a ajuda de um suposto guia, dependendo da sua necessidade ou desejo.

Procedimentos

Ao sentir alguém segurar o seu braço com a intenção de conduzi-la, a pessoa com deficiência visual deve relaxar o braço, levantando-o em direção ao ombro oposto e manter sua posição sem andar.



Com a mão livre, deve segurar o punho do suposto guia enquanto verbaliza as suas intenções.



Faz o desvencilhamento. Se for necessitar de ajuda, a pessoa segura o braço do guia com a mão livre e assume a posição básica para acompanhá-lo. Caso contrário, deve dispensar a ajuda tão logo se desvencilhe.



E. Subir e Descer Escadas

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual e ao guia subir e descer escadas com segurança, eficiência e adequação.

Procedimentos

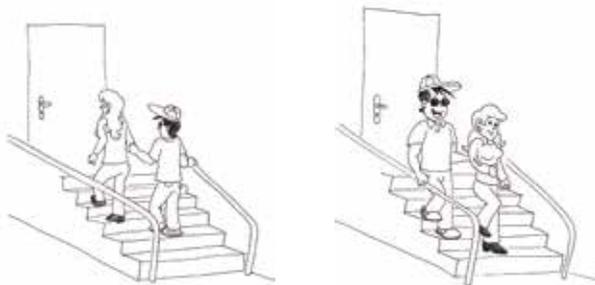
A posição adotada para subir e descer escadas é a básica. Nessa condição, a pessoa com deficiência visual sempre estará um degrau atrás do guia. Isto favorecerá a interpretação das pistas cinestésicas quando sobe ou desce os degraus.

Ao iniciar a subida ou descida de escadas, uma breve pausa do guia, em frente ao primeiro degrau, será suficiente para que a pessoa que o acompanha faça o deslize do

pé para encontrar o degrau e se posicionar.

Uma breve pausa do guia também deve funcionar como pista no final das subidas e descidas (ao final das escadas e nos patamares).

Quando a escada tiver corrimão, a pessoa com deficiência visual deve ter preferência de uso.



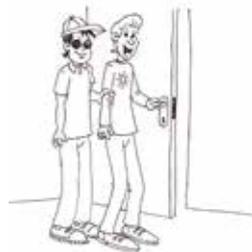
F. Passagem por Portas

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual passar por uma porta com segurança e eficiência, mantendo uma participação ativa.

Procedimentos

Ao aproximar-se de uma porta, o guia dá uma pista verbal ou cinestésica e a pessoa assume a posição de passagem estreita.



O guia puxa ou empurra a porta e o acompanhante eleva o braço livre com a palma da mão para frente.

A pessoa com deficiência visual toca a porta e localiza o trinco.



Guia e acompanhante passam pela porta em posição de passagem estreita. O guia faz uma breve pausa e o acompanhante fecha a porta.

Após a passagem, ambos retomam a posição básica.



G. Sentando-se

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual localizar e examinar um assento, sentando-se com independência e naturalidade.

Procedimentos

O guia conduz o seu acompanhante até a proximidade de um assento, relatando verbalmente a posição e características do mesmo.

A pessoa com deficiência visual solta o braço do guia tão logo faça o contato com o assento. Este contato pode ser feito com a perna ou com o guia conduzindo a mão do acompanhante até o espaldar ou braço do assento.



Estabelecido o contato, a pessoa faz com as mãos uma pesquisa breve do assento, certificando-se da posição, das características e das condições de uso e senta-se.

No momento de se levantar, o guia estabelece o contato ou a pessoa solicita uma pista verbal.



H. Sentar-se em Auditório ou Assentos Perfilados

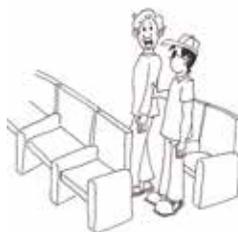
Objetivo

Permitir o acesso de maneira adequada quando se utiliza do guia vidente em auditórios ou assentos perfilados.

Procedimentos

O guia pára na fileira e dá uma pista verbal para o acompanhante.

A pessoa se alinha (em fileira) ao lado do guia e iniciam a entrada andando de lado. O guia deve entrar na frente.





A pessoa com deficiência visual deve usar a mão livre para rastrear a parte de trás dos espaldares (encostos) das cadeiras a sua frente.

Ao chegar aos assentos desejados, o guia dá uma pista verbal. O acompanhante usa a parte de trás de suas pernas para fazer o contato com o assento. Faz uma breve pesquisa com as mãos e se senta.

Ao saírem, usam-se os mesmos procedimentos da entrada, com o guia andando na frente.



IV

2º passo: Autoproteções



O uso dos segmentos corporais (cabeça, tronco, membros superiores e inferiores) como uma forma de se proteger, estabelecer relações posicionais e direcionais, fazer contato com objetos e pessoas deve traduzir um completo controle da pessoa cega ou com baixa visão sobre o seu próprio corpo e seus movimentos. As auto-proteções podem ser utilizadas em conjunto com outras habilidades e sistemas da Orientação e Mobilidade como o guia vidente, a bengala longa, o cão-guia e as ajudas eletrônicas.

A. Proteção Inferior

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual proteja a parte frontal e inferior do tronco, detectando objetos ao nível dos órgãos genitais e da cintura.

Procedimentos

A pessoa coloca o braço à frente do corpo com a mão na linha média (meio do corpo).

O dorso da mão fica voltado para frente. A mão deve ficar distante do corpo o suficiente para se antecipar as pontas dos pés durante a marcha.



B. Proteção Superior

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual proteja a parte superior do seu corpo, detectando objetos posicionados ao nível do tórax e do rosto.

Procedimentos

A pessoa flexiona o braço ao nível do ombro, mantendo-o paralelo ao chão.

Flexiona o cotovelo mantendo o dorso da mão voltada para frente.

As pontas dos dedos e a mão dão proteção ao ombro oposto. O antebraço dá proteção ao rosto e tórax.

À semelhança da proteção inferior, a mão deve estar distante do corpo o suficiente para se antecipar as pontas dos pés durante a marcha.



C. Rastreamento com a mão

Objetivo

Permitir que a pessoa mantenha sua orientação de forma segura, através de um contato constante com elementos do meio; facilitar a manutenção da marcha na direção desejada; localizar um objeto específico e determinado.

Procedimentos

A pessoa posiciona-se paralelamente e próxima ao objeto a ser rastreado (linha-guia – superfície que indica uma direção a seguir: parede, corrimão, balcão, móveis, etc).

Rastreia com o dorso da mão (de preferência apenas com o dedo mínimo e anular) a linha-guia. Os dedos devem estar semifletidos e relaxados.



Novamente, a mão deve estar distanciada de forma a se antecipar a ponta dos pés durante a marcha.

O rastreamento pode ser usado em conjunto com a proteção inferior e superior, dependendo da situação e do ambiente.

D. Enquadramento e Tomada de Direção

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual possa estabelecer uma linha de marcha reta ou orientada.

Procedimentos

A pessoa encosta a parte de trás do seu corpo num objeto significativo no ambiente (enquadramento).

Dessa posição, a pessoa projeta uma linha reta de caminhada estabelecida a partir da linha média do seu corpo e perpendicular ao objeto usado para o enquadramento (tomada de direção).

O enquadramento ainda pode ser feito com a ponta dos pés ou calcanhares e um degrau, ou com os ombros, quadril ou a lateral das pernas em um objeto (alinhamento paralelo).



E. Localização de Objetos

Objetivo

Permitir uma busca sistemática de objetos, com segurança, eficiência e adequação.

Objetos Caídos – Procedimentos

A pessoa pára logo que o objeto cai, procurando ouvir onde caiu.

Pela localização do som, a pessoa volta-se de frente para essa direção. Caminha para o ponto onde julga encontrar o objeto.

Agacha-se enquanto assume a posição de proteção superior.

Inicia o processo de busca sistemática empregando movimentos circulares (leque), verticais e horizontais (grade) a partir do meio do corpo, rastreando a área com o dorso dos dedos.



Objetos sobre móveis (mesas, balcões, prateleiras, etc.) – Procedimentos

Estando a pessoa de frente para o móvel, em pé ou sentada, movimenta as duas mãos com o dorso voltado para frente, até contatar a borda do móvel.

A partir do ponto contatado e usando a linha média como referência, a pessoa passa a aplicar um modelo de busca (leque ou grade).



Trincos, maçanetas e puxadores (de portas, janelas, etc.) – Procedimentos

A pessoa se posiciona de frente com a porta, janela ou portão e movimenta ambas as mãos com o dorso voltado para frente, até tocar no objeto a ser pesquisado. Deve ser usada a linha média como referência.

Uma vez contatado o objeto, a pessoa faz o deslize das mãos horizontalmente à direita e à esquerda até encontrar os batentes.

Caso a pessoa não tenha localizado o trinco, maçaneta ou puxador com o procedimento anterior, basta acompanhar os batentes ou molduras em movimentos de deslize vertical das mãos.



F. Técnica para o Cumprimento

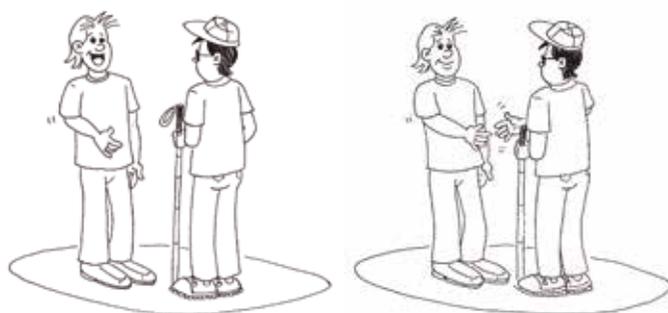
Objetivo

Proporcionar à pessoa com deficiência visual uma forma eficiente e socialmente adequada para cumprimentar outras pessoas.

Cumprimentar pessoas videntes – Procedimentos

A pessoa com deficiência visual, ao chamar ou ser chamada por outra pessoa a quem deseja cumprimentar, posiciona-se de frente para ela.

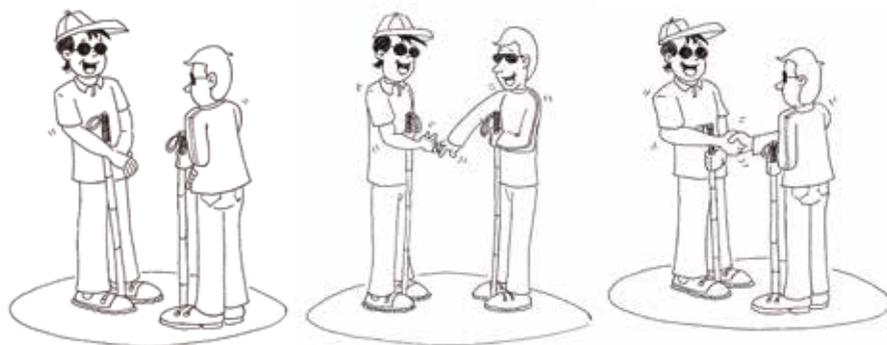
Estende a mão no gesto usual de cumprimento e aguarda a iniciativa por parte da pessoa vidente em segurar a sua mão.



Cumprimentar pessoas com deficiência visual – Procedimentos

A pessoa com deficiência visual ao chamar ou ser chamada por outra pessoa com deficiência visual a quem deseja cumprimentar, posiciona-se de frente para ela.

A primeira deve cruzar o braço direito em diagonal à frente do seu corpo. A partir dessa posição, ela vai deslocando o braço com o dorso da mão voltado para frente até tocar a outra pessoa, procedendo ao cumprimento.



G. Familiarização

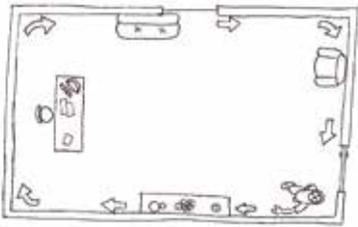
Objetivos

Permitir à pessoa com deficiência visual se familiarizar sistematicamente, de forma segura e eficiente, com ambientes diversos.

Método do Perímetro – Procedimentos

A pessoa estabelece um ponto de partida (preferencialmente a porta principal de acesso ao ambiente).

A pessoa faz o enquadramento paralelo à linha da parede ou objeto (linha-guia), escolhendo arbitrariamente o lado.



Inicia o rastreamento da linha-guia circundando todo o ambiente no seu perímetro até retornar ao ponto de partida. Em conjunto com o rastreamento, deve ser usada a proteção superior.

Completando o primeiro contorno, a pessoa pode fazer o rastreamento em sentido contrário. O número de repetições para o contorno dependerá do ambiente, da situação e das necessidades individuais.



Método dos Cruzamentos – Procedimentos

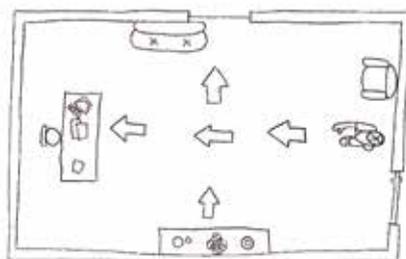
Após o método do perímetro, a pessoa utiliza o mesmo ponto de partida já estabelecido, faz o enquadramento com as costas e cruza para o lado oposto.

Durante este cruzamento em linha reta, a pessoa deve usar as proteções inferior e superior.



Atingindo o lado oposto, a pessoa faz uma pequena exploração do local.

Faz novo enquadramento de costas e procede ao cruzamento de retorno ao ponto de partida.



Diversos cruzamentos devem ser feitos usando os elementos presentes no ambiente (outras portas, janelas, móveis, etc).

Variações

Os métodos de familiarização podem ser aplicados com acompanhamento de um guia vidente, que confirmará as informações.

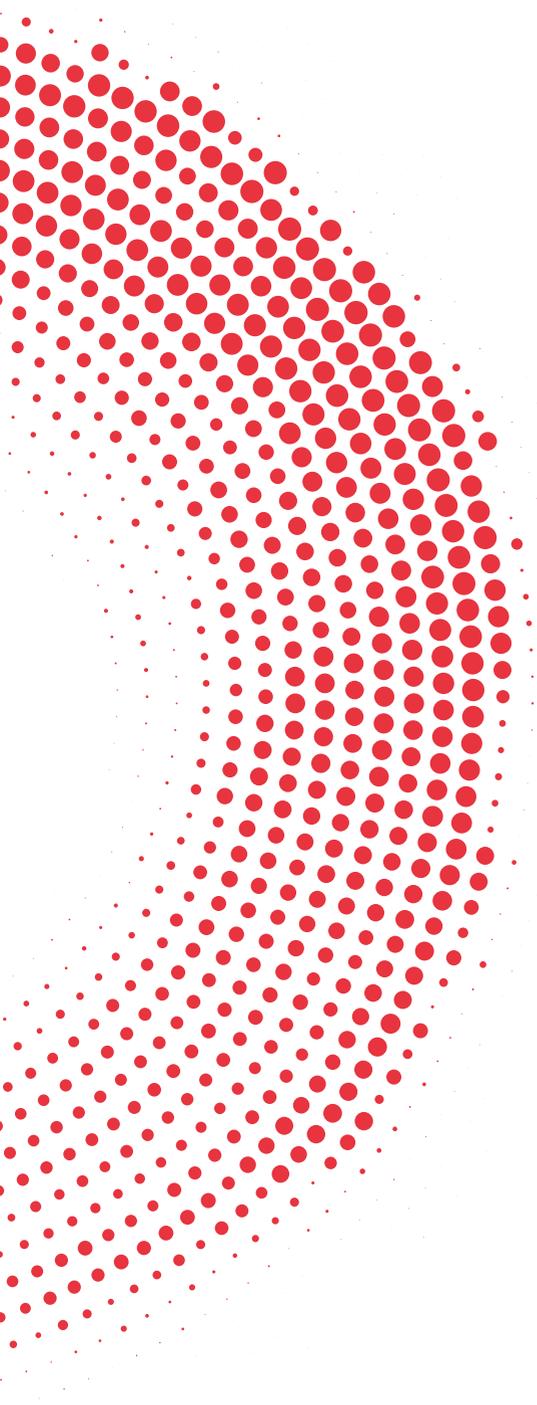


A familiarização também pode, e em muitas situações deve, ser feita com a utilização da bengala longa, o que garantirá maior proteção para a pessoa.

Observação

É importante dar oportunidade de muitas vivências utilizando os princípios da familiarização. É o momento de ter contato direto com grande variedade de objetos, elementos e ambientes

O momento também é riquíssimo para conhecer de forma prática situações apenas verbalizadas. Bem trabalhada, a familiarização ajuda a desenvolver as condições intelectuais, motoras, sociais e emocionais, levando a pessoa com deficiência visual a buscar uma atitude positiva voltada para a independência.



V

**3º passo:
Bengala
Longa**

À semelhança das autoproteções, o uso da bengala longa também é um sistema da Orientação e Mobilidade no qual a pessoa com deficiência visual depende apenas de si mesma para se deslocar pelo ambiente. A bengala longa é um simples bastão que, mesmo com todo o avanço tecnológico, ainda se traduz como o mais eficiente instrumento para dar independência à mobilidade de pessoas cegas ou com baixa visão.

A bengala funciona como uma extensão tátil-cinestésica para transmitir à pessoa uma riqueza de informações tal e qual ela teria se caminhasse passando a mão no solo. É possível desenvolver a percepção para detectar desníveis, buracos e outros obstáculos ao nível do chão. A bengala também será um anteparo eficiente para possíveis choques contra objetos e pessoas que se encontrem na linha de caminhada da pessoa com deficiência visual.

A bengala longa pode ser usada em conjunto com outras formas de mobilidade, ou seja, com o guia vidente, com as autoproteções, com o cão-guia e com as ajudas eletrônicas.

Finalidade

Habilitar a pessoa com deficiência visual para locomover-se com segurança, eficiência e independência, tanto em ambientes familiares como desconhecidos, utilizando-se da bengala longa.

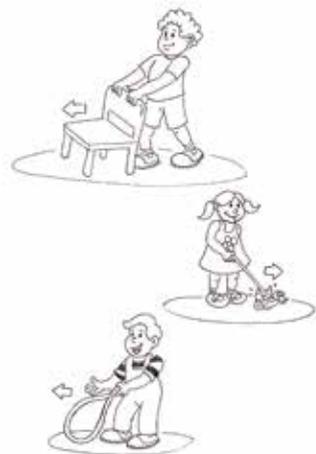
A. Vivência Pré-Bengala

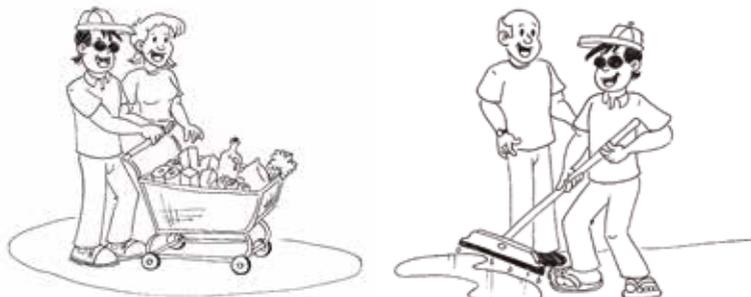
Objetivo

Proporcionar à pessoa com deficiência visual diversas experiências preliminares que facilitarão a efetiva e eficiente manipulação da bengala longa, bem como a compreensão de seu uso.

Atividades Propostas

No caso de crianças, podemos oferecer uma grande variedade de vivências, usando brinquedos de empurrar à frente do corpo, tais como carrinhos de boneca, mini-carrinhos de supermercados, bastão com patinho, bastão com rodinha, carrinho com guidom e hastes para empurrar, banquinhos e cadeirinhas, raquetão feito de bambolê, espada retrátil de plástico, bengalinhas de plástico com buzina na ponta, etc.





Quanto ao jovem e adulto, vivências de locomoção usando carrinhos de feira, de supermercados, de bebê, deslocamentos empurrando uma cadeira ou carrinho de chá, o uso de utensílios domésticos como vassoura e rodo, etc.

Considerações e observações gerais

O uso desses brinquedos, equipamentos e utensílios ajudará na organização e atitude postural, usando a linha média do corpo como referência.

O equilíbrio e a marcha serão beneficiados em decorrência do apoio e da presença de um anteparo à frente do corpo, oferecendo segurança e aumentando a confiança para os deslocamentos.

A presença do objeto à frente do corpo preparará a pessoa para o aumento do espaço ocupado pelo seu corpo junto com a bengala. Isto favorecerá a aquisição e manutenção das relações posicionais, quando estiver usando a bengala no futuro.

Haverá o estímulo à consciência e percepção tátil-cinestésica, ao reconhecimento do que se toca através do objeto, à audição através dos sons produzidos pelo objeto no piso e no tocar em outros elementos presentes no ambiente.

A coordenação motora será trabalhada de forma dinâmica por meio dos movimentos locomotores, não-locomotores e manipulativos.

B. Conhecimento e Manipulação da Bengala

Objetivo

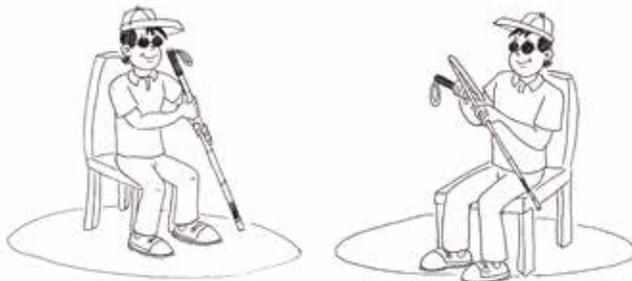
Permitir que a pessoa com deficiência visual conheça detalhadamente a bengala longa, suas partes, os vários modelos, bem como a manipule com os vários tipos de prensão, explorando todas as possibilidades de movimentação.

Procedimentos

A pessoa deve ter oportunidade para explorar diversos tipos e modelos de bengala (inteiriça, dobrável, telescópicas; de alumínio, de fibra-de-vidro; com cabos de bor-

racha, de plástico, de madeira; com ponteira de borracha, de plástico, de nylon, com rolamento; bengalas de fabricação nacional e importadas).

A pessoa deve ser estimulada e orientada a usar todas as formas possíveis para segurar e manipular a bengala.



C. Colocações da Bengala Longa

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual coloque a bengala em posições de fácil acesso e manejo, não interferindo com outras pessoas e com o ambiente de forma inadequada.

Procedimentos

Em ambientes conhecidos, a pessoa deve escolher um canto junto às paredes ou móveis para encostar a bengala em posição diagonal. Se a bengala tiver elástico no cabo ou o mesmo for recurvado, pode-se pendurar a bengala em cabides ou suportes apropriados, se presentes no ambiente.

Quando a pessoa estiver em pé, a bengala pode ser colocada verticalmente na linha média do corpo.

Se a pessoa estiver sentada, a bengala pode ser colocada entre as pernas, em diagonal e recostada em um dos ombros. Caso a pessoa vá demorar mais tempo ou queira ficar com as mãos livres, pode colocar a bengala apoiada no chão, sob o assento, em posição paralela ou transversal aos seus pés.



D. Andando com um Guia

Objetivo

Permitir que uma pessoa com deficiência visual utilize a bengala mesmo acompanhada por um guia, sem interferir na movimentação, garantindo maior proteção e captação de informações durante os deslocamentos.

Procedimentos

A pessoa e o guia assumem a posição básica de guia vidente.

A pessoa posiciona a bengala em diagonal à frente do corpo.

Nas passagens por portas, nas trocas de lado e nas escadas, a pessoa deve aprender a segurar a bengala juntamente com o braço do guia e usar dos mesmos procedimentos já descritos para essas situações.



E. Varredura

Objetivo

Proporcionar à pessoa com deficiência visual uma exploração imediata e completa do solo na área próxima ao seu corpo.

Procedimentos

Determinada a direção a seguir, a pessoa posiciona a bengala na linha média do seu corpo, na vertical, com a ponteira próxima às pontas dos seus pés.

A pessoa desliza a bengala à sua frente numa linha reta.



A bengala é recuada ao ponto de partida, descrevendo semicírculos concêntricos, procedendo à varredura.

F. Técnica Diagonal

Objetivo

Proporcionar à pessoa com deficiência visual caminhar com independência em ambientes internos e familiares, com algum grau de proteção.

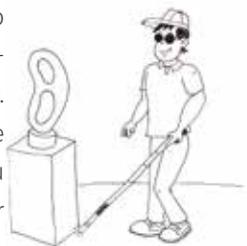
Procedimentos

A bengala é segura na junção entre o cabo e o corpo. O dorso da mão fica voltado para cima. O polegar fica apoiado no corpo da bengala e dirigido para a ponteira.

O braço deve estar fletido à frente do corpo. Mantém-se o cotovelo e o punho estendidos no prolongamento do braço.

A bengala é colocada em diagonal na frente do corpo e oblíqua em relação ao piso. Com essa posição a extremidade do cabo ultrapassa a linha do ombro no lado que segura a bengala; a extremidade da ponteira deve ultrapassar a linha do ombro oposto.

Dependendo do tipo de piso e de ambiente, pode-se apoiar a ponteira no chão e conduzir a bengala em deslize, ou mantê-la suspensa (não mais do que três centímetros) e tocar a ponteira no chão a cada três ou quatro passos.



G. Rastreamento com a Técnica Diagonal

Objetivos

Permitir que a pessoa com deficiência visual mantenha sua orientação, por meio de um contato constante da bengala com elementos do ambiente.

Facilitar para que a pessoa mantenha sua marcha na linha de direção desejada.

Permitir que a pessoa localize um objeto específico e determinado com a bengala.

Procedimentos

A pessoa se posiciona de frente para a linha de direção desejada, paralelamente e perto do objeto a ser rastreado, segurando a bengala na mão oposta ao objeto.

Com a bengala na técnica diagonal a pessoa pode:

- deixar a ponteira tocar levemente o objeto;
- tocar levemente o ponto de convergência do objeto com o solo (por exemplo, o rodapé).



H. Detecção e Exploração de Objetos

Objetivo

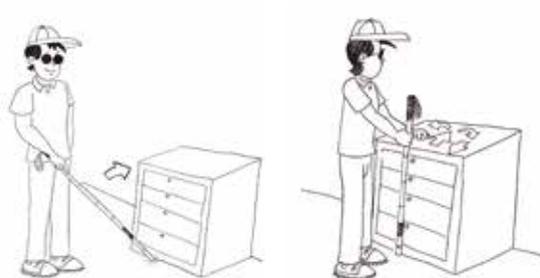
Permitir que a pessoa com deficiência visual obtenha informações seguras sobre objetos encontrados durante sua caminhada, favorecendo a sua segurança e orientação.

Procedimentos

Ao tocar o objeto, a pessoa coloca a bengala na posição vertical contra o objeto contactado.

Mantendo a bengala na vertical, a pessoa desliza a mão livre através do corpo da bengala até tocar no objeto.

A pessoa prossegue na exploração do objeto, usando as técnicas apropriadas de busca (grade ou leque).



I. Portas

Objetivo

Permitir à pessoa com deficiência visual passar por portas de forma independente e segura usando a bengala.

Procedimentos

Ao detectar uma porta, a pessoa deve manter o contato e colocar a bengala na vertical.

A bengala deve ser movimentada lateralmente para a direita e esquerda até tocar nos batentes e/ou no trinco.

A pessoa desliza a mão livre pela bengala até encontrar o trinco. Abre a porta e procede à passagem, adotando a técnica diagonal com a outra mão.

Após a passagem, a pessoa solta ou fecha a porta manualmente e emprega a técnica de bengala mais apropriada.



J. Subir Escadas

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual suba escadas utilizando a bengala com segurança, eficiência e independência.

Procedimentos

A pessoa localiza a escada apoiando a ponteira no primeiro degrau. A partir daí, faz o conhecimento inicial da escada usando a varredura (altura, largura, regularidade dos degraus, etc).

Inicia a subida sempre mantendo a bengala um ou dois degraus à sua frente.

A pessoa deve escolher a forma como segurar a bengala e o posicionamento da mesma a fim de garantir proteção e eficiência (em diagonal, na vertical).

Atingindo o final da escada, a pessoa deve proceder à varredura e adotar a técnica mais apropriada para dar continuidade à caminhada.



K. Descer Escadas

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual desça escadas utilizando a bengala de forma segura, eficiente e independente.

Procedimentos

A pessoa localiza a escada, detectando o primeiro degrau. Da mesma forma que na subida, faz o conhecimento das características da escada usando a bengala em varredura.

Inicia a descida adotando a bengala na posição diagonal. Dependendo da sua confiança e das características da escada, a pessoa poderá ser mais ou menos detalhista na exploração de cada degrau e na forma como fará a descida. (varredura a cada degrau, ponteira em deslize ou suspensa, pés alternados em cada degrau, etc).

Atingindo o final da escada, a pessoa deve proceder à varredura e adotar a técnica mais apropriada para dar continuidade à caminhada.



L. Técnica de Toque

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual detecte diferenças de níveis e objetos que se encontrem no plano do solo à linha da cintura, em ambientes internos e externos, familiares ou desconhecidos.

Procedimentos

A pessoa segura a bengala pelo cabo de maneira que se forme um anel entre o dedo polegar e o dedo médio. O dedo indicador, em extensão, fica apoiado na parte lateral e inferior do cabo. A pessoa deve considerar a bengala como um prolongamento do seu dedo indicador.

A mão fica centrada com a linha média do corpo e afastado do mesmo, num ponto em que a combinação membro superior – bengala forme uma linha reta. O dorso da mão fica voltado para fora.



A movimentação da bengala é determinada pela ação do punho.

Utilizando os movimentos do punho, a bengala é deslocada para um ponto de contato com o solo a três centímetros, aproximadamente, além de cada ombro. A ponteira da bengala descreverá um arco à frente, de modo que o ponto médio desse arco será coincidente com a linha média do corpo da pessoa.

No deslocar a bengala de um lado para o outro, a ponteira deve ficar rente ao solo (no máximo, três centímetros de elevação).

A pessoa ao caminhar deve deslocar a bengala sempre para o lado oposto do pé em movimento. Deve ser estabelecido um ritmo sincronizado entre o toque da ponteira e o apoio do calcanhar no lado oposto.



M. Técnica de Deslize

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual explore detalhadamente o solo na sua frente, detectando com mais precisão diferenças de níveis e texturas do chão, objetos e áreas com muitas variações perpendiculares à sua linha de caminhada, em ambientes internos e externos, familiares ou desconhecidos.

Procedimentos

A forma de segurar a bengala e o posicionamento em relação ao corpo são os mesmos anteriormente descritos na técnica de toque.

A pessoa, utilizando similarmente os procedimentos da técnica de toque, mantém a ponteira da bengala em contato permanente com o solo, deslizando-a para ambos os lados, efetuando o arco de proteção em constante varredura.



N. Rastreamento com a Técnica de Toque ou Deslize

Objetivos

Permitir à pessoa com deficiência visual localizar um objeto específico e determinado com a bengala.

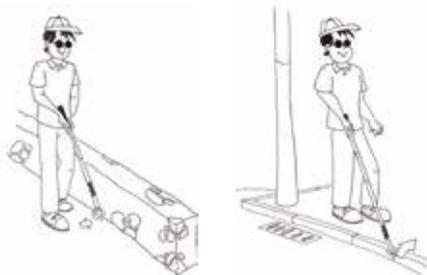
Facilitar para que a pessoa mantenha sua marcha na linha de direção desejada.

Manter contato com o ambiente, favorecendo a orientação.

Procedimentos

A pessoa se posiciona de frente para a linha de direção desejada, paralelamente e perto do objeto a ser rastreado. A bengala é mantida na posição correta da técnica de toque.

Caminhando com mais cautela, a pessoa modifica a técnica de toque básica, alternando o contato com o chão e o objeto que está sendo rastreado. Deve manter o deslocamento da bengala sempre para o lado oposto ao pé em movimento. O mesmo procedimento pode ser usado com a técnica de deslize.



O. Adaptação da Técnica de Deslize com as ponteiros roller (rolamento)

Objetivo

Permitir que a pessoa com deficiência visual explore detalhadamente o solo na sua frente, detectando com muito mais precisão diferenças de níveis e texturas do chão, objetos e áreas com muitas variações perpendiculares à sua linha de caminhada, em ambientes internos e externos, familiares ou desconhecidos. O uso da ponteira com rolamento favorece para que a bengala não enrosque nas emendas, reentrâncias, pequenos buracos e falhas do calçamento interferindo no desenvolvimento da marcha.

Procedimentos

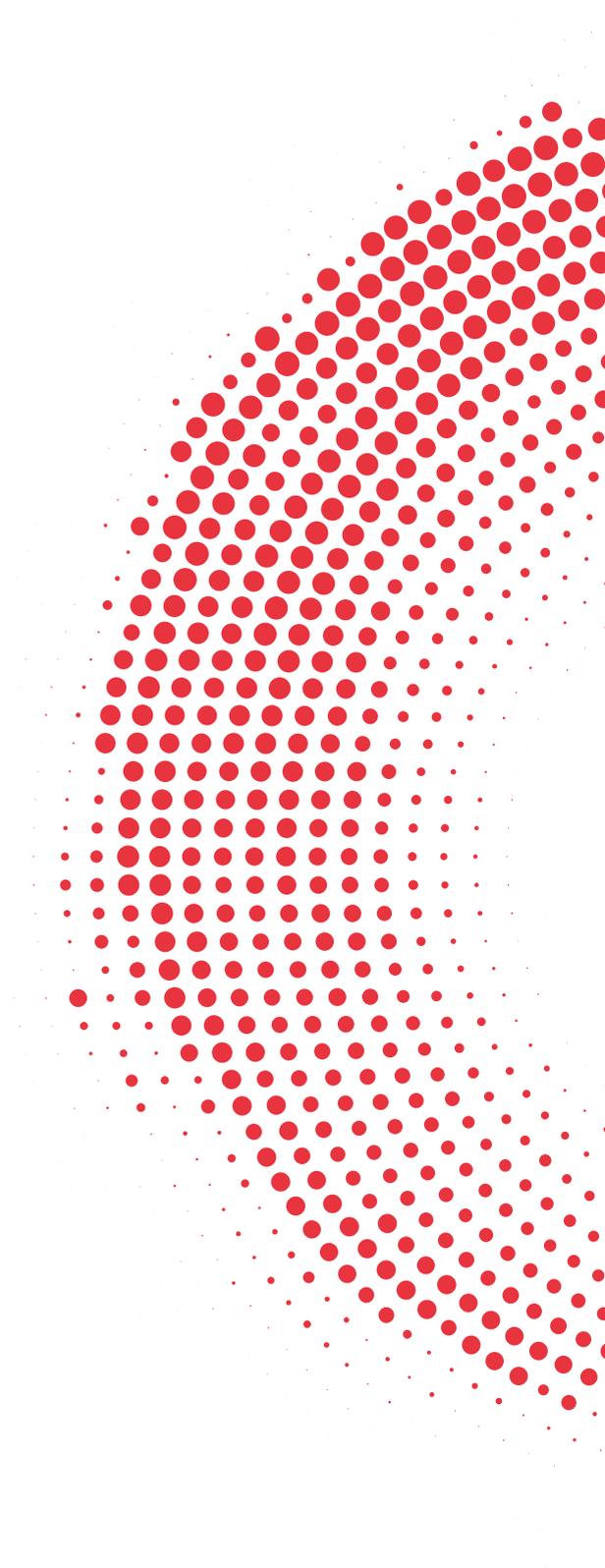
A forma de segurar a bengala e o posicionamento em relação ao corpo são os mesmos anteriormente descritos na técnica de toque.

A pessoa, utilizando similarmente os procedimentos da técnica de toque, mantém a ponteira da bengala em contato permanente com o solo, rolando-a para ambos os lados, efetuando o arco de proteção em constante varredura.



VI

**Mais Algumas
Perguntas**



1. Em que idade as crianças com deficiência visual devem começar a trabalhar a Orientação e Mobilidade?

Lembramos que os conceitos da Orientação e Mobilidade estão presentes na vida de todos, a todo momento. Portanto, consideramos que a Orientação e a Mobilidade iniciam-se no colo da mãe, no berço, ou seja, o mais cedo possível, tão logo se identifique a deficiência visual. Algumas das condutas e procedimentos já devem estar presentes nos programas de intervenção precoce. Nos programas de educação especial somam-se novas técnicas e, naturalmente, procedimentos mais sofisticados vão sendo incorporados à medida que a criança se desenvolve.

2. Qual a idade ideal para a introdução da bengala na vida da criança?

É uma pergunta difícil de responder. Vamos lembrar uma velha e boa frase: cada caso é um caso. Cada criança tem os seus interesses, suas necessidades, seu ritmo e sua história. Devemos respeitá-la. A sugestão é a mesma da resposta anterior. Quanto mais cedo melhor. As vivências pré-bengala devem ser trabalhadas tão logo a criança adquira marcha independente sem apoio. A partir do momento que ela consegue segurar e manter a bengala à frente do corpo, introduzem-se manipulações semelhantes às técnicas diagonal, varredura e deslize.

3. E se a criança não quiser usar a bengala? Se ela tiver preconceito contra a bengala?

Uma vez avaliada e confirmada a necessidade do uso da bengala para a segurança da criança, deve-se trabalhar para que ela compreenda e se conscientize da importância dessa utilização. Quanto ao preconceito, ele não nasce espontaneamente com a criança. Deve-se trabalhar o meio em que ela vive, mas respeitar o momento e as decisões familiares.

4. Pessoas com visão reduzida devem usar a bengala?

Depende. Novamente lembramos o respeito à individualidade. Após uma avaliação bastante criteriosa, definiremos junto com a pessoa e com a família a necessidade ou não do uso da bengala. Geralmente são observadas as condições do uso da visão para perceber o calçamento, o uso do campo visual para evitar esbarrões em objetos e pessoas, a locomoção nas variações de luminosidade, as condições de segurança na travessia de ruas e no uso dos transportes coletivos.

5. Como calcular o comprimento da bengala para cada pessoa?

O comprimento da bengala depende de alguns fatores como a estatura da pessoa, tipo físico, largura dos passos, segurança e tempo de reação ao tocar em obstáculos.

Inicialmente, usa-se a medida tomada com a pessoa em pé, numa linha vertical do solo até a extremidade inferior do osso esterno (boca-do-estômago).

6. Como estimular a pessoa com deficiência visual a utilizar todos os seus sentidos de uma forma integrada, colaborando com a sua Orientação e Mobilidade?

Não é difícil, mas requer muito treino e prática. Pode ser conseguido por meio de jogos e atividades recreativas o que torna o aprendizado muito mais prazeroso.

7. Como estimular a pessoa a fazer uso da visão residual para sua Orientação e Mobilidade?

Devemos iniciar em ambientes internos onde podemos controlar melhor os estímulos. O ponto de partida é a observação do seu próprio corpo e dos seus movimentos (observação direta e através de espelhos). Depois, observar as outras pessoas e seus movimentos. A seguir, a pessoa com baixa visão deve ser orientada para aprender a:

- localizar aberturas através de fontes de luz e sombra;
- seguir em direção a uma fonte de luz ou acompanhá-la;
- localizar trincos de portas, puxadores de janelas, etc;
- localizar portas abertas e fechadas;
- discriminar entre o escuro e claro em ambientes diversos;
- localizar móveis e pesquisá-los visualmente;
- localizar objetos sobre os móveis;
- localizar objetos no chão;
- entrar e sair de diversos tipos de ambientes, com variação de iluminação e de pisos;
- utilizar linhas guias visualmente (contrastes no rodapé, meio-fio, paredes, etc);
- identificar e utilizar as pistas e pontos de referência visuais nos ambientes.

Os ambientes externos são riquíssimos em estímulos naturais para o treinamento do uso da visão residual. Devemos facilitar para que a pessoa aprenda de forma prática:

- os conceitos de ruas, quadras, quarteirões, mapas, traçados, rotas específicas;
- a ver postes, árvores, hidrantes, caixas de correio, telefones públicos, sombras e diferenças no calçamento;
- a acompanhar a linha de edificação, a identificar as aberturas nessa linha, as esquinas, o meio-fio, a sarjeta, os bueiros e bocas-de-lobo, os diferentes tipos de casas e edifícios;
- a pesquisar os tipos diferentes de veículos (estacionados do mesmo lado da rua e também do outro lado; em movimento);

- a fazer a passagem por auto-postos;
- a identificar estabelecimentos comerciais diversos;
- a fazer travessia de ruas (utilização de esquinas, meio-de-quadra, veículos estacionados, semáforos, passarelas, passagens subterrâneas);
- a ler números de casas (sistema de numeração externo da cidade);
- a ler placas de lojas, placas de ruas e de propaganda;
- a ler números e letreiros de ônibus;
- a identificar e usar sinais de trânsito;
- a usar transporte coletivo e individual;
- a caminhar em calçadas com intenso tráfego de pedestres;
- a usar escadas rolantes, elevadores, portas giratórias e portas automáticas;
- a usar os mais diversos estabelecimentos (comerciais, financeiros, públicos, shopping-centers, etc);
- a localizar, identificar e fazer uso de pistas e pontos de referência de dentro de um veículo em movimento.

Vale lembrar que muitas pessoas podem fazer essas atividades usando recursos ópticos especiais como as telelupas.

8. Como estimular a pessoa a fazer uso da audição para sua Orientação e Mobilidade?

A pessoa com deficiência visual deve aprender a:

- orientar-se em casa pelos sons comuns;
- identificar diversos sons em variados ambientes;
- posicionar-se em relação a uma fonte sonora específica (de frente, de costas, com o lado direito/esquerdo);
- caminhar (de diversas formas) de encontro a uma fonte sonora;
- caminhar paralelo a fonte sonora;
- identificar pessoas pelas vozes;
- caminhar por corredores que apresentam ocasionalmente aberturas;
- escutar paredes, aberturas, portas, janelas, esquinas, estabelecimentos comerciais, etc;
- usar de jogos de imitação, adivinhações, dramatizações;
- usar discos, fitas cassetes e CDs com reprodução de variados sons.

9. Como estimular a pessoa a utilizar o sentido tátil-cinestésico para sua Orientação e Mobilidade?

Uma grande variedade de exercícios, jogos e vivências podem ser realizados pela pessoa com deficiência visual para o aprimoramento do tato e da cinestesia:

- formar a Arca do Tesouro ou Caixa de Surpresa (caixa com uma grande variedade de objetos para serem manipulados, com variedades de cores, texturas, peso, tamanho, forma, temperatura, consistência);
- construir e manusear mapas táteis, maquetes, modelos esquematizados, miniaturas, etc;
- manusear animais empalhados;
- explorar cartazes e cartões contendo figuras com formas e contornos variados;
- manipular tecidos, papéis, papelão, lixas, etc, com variados tipos de textura;
- manipular barbantes, cadarços, linhas, cordinhas, cordas, elásticos. Realizar exercícios de nós, laçadas, etc;
- manusear roupas identificando o lado direito e o avesso, etiquetas, partes de uma peça de roupa;
- modelar com massa (caseira, comercial), argila, barro, etc;
- jogos diversos: de montar, encaixar, seriar, comparar, etc. Uso de figuras geométricas bidimensionais, tridimensionais, pesos diferentes, bolinhas, palitos, feijões, pedrinhas, conchas, etc;
- caminhar de diversas formas estando calçado, de meias, descalço, nos mais variados tipos de piso (calçamento, asfalto, terra, areia, grama, mato, barro, pedriscos, pedregulhos, madeira, folhas secas e úmidas, etc). Caminhar acompanhando linhas-guias tátil-cinestésicas no piso; caminhar em pisos inclinados, caminhar descrevendo figuras geométricas, voltar ao ponto de partida, etc;
- explorar situações em que sejam solicitadas as percepções térmicas, a identificação de fontes de calor, frio, brisa, vento;
- usar jogos que exigem a percepção tátil-cinestésica: adivinhação de objetos levemente tocados, pesca na areia (e, se possível, em situação real), jogos de bola explorando a coordenação motora;
- brincar em caixa de areia, play-ground, parques, hortas, etc;
- andar de bicicleta, patins, patinete, carrinho de pedal, triciclo, skate, carrinho de rolemã, perna-de-pau, tamancão-coletivo, pedalinho, barco a remo, andar a cavalo, etc;
- explorar todas as possibilidades de movimentos básicos: rastejar, engatinhar, escorregar, andar, correr, pular, saltar, rolar, trepar, puxar, empurrar, balançar, agachar-se, esticar-se, curvar-se, contorcer-se, fazer preensões);
- participar de atividades físicas, esportivas e recreativas.

10. Como estimular a pessoa com deficiência visual a utilizar o olfato na Orientação e Mobilidade

O sentido do olfato deve ser desenvolvido, podendo auxiliar na Orientação e Mobilidade da pessoa com deficiência visual. A identificação, discriminação, interpretação

e localização de odores podem fornecer pistas no meio ambiente, facilitando a localização de estabelecimentos comerciais, e alertar para situações de risco (cheiro de gás, gasolina, fumaça, queimado), etc.

O treinamento do olfato pode ser feito por meio de exercícios com uma Caixa de Aromas (caixa com vários frascos contendo diversas essências aromáticas) e com o máximo de aproveitamento dos cheiros identificáveis nos ambientes (os odores em casa, na escola, no trabalho, na feira livre, supermercados, jardins, etc).

É preciso controlar o excesso de estímulos e o tempo de acomodação para não saturar a percepção olfativa das pessoas.

Importante

Os procedimentos apresentados devem ser considerados como modelos que proporcionam o máximo de proteção à pessoa com deficiência visual, se seguidos corretamente na situação e ambiente apropriados. Às vezes, são necessárias modificações visando atender às necessidades individuais.

Vale ressaltar que todas essas vivências devem ter significado real para a pessoa. Não devem ser executadas apenas de forma repetitiva ou reprodutiva, mas com uma perspectiva de construção e transformação.

Bibliografia

ASSI, V. L. S. C. *Programa de mobilidade em reabilitação de deficientes visuais*. In: Seminário Ibero-Americano de Comunicação e Mobilidade. Anais... São Paulo, MEC/FLCB, 1972.

BRUNO, M. M. G. *O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: da intervenção precoce a integração escolar*. São Paulo: Gráfica e Editora Laramara, 1993

DODSON-BURK, B. and HILL, E. W. *An orientation and mobility primer for families and young children*. New York: American Foundation for the Blind, 1989.

EICHON, J. R. and VIGAROSO, H. R. *Orientation and Mobility for Pre-School Blind Children*. The International Journal for the Education of the Blind, 1967, v. XVII, no 2, 48-50.

FEIJÓ, M. e VENTURINI, J. *A orientação e mobilidade na educação da criança deficiente visual*. In: Congresso Brasileiro de Educação de Deficientes Visuais, 2. Anais,, Brasília, 1968.

FELIPPE, J. A. M e FELIPPE, V. L. L.R. *Orientação e Mobilidade*. São Paulo: Gráfica e Editora Laramara, 1997.

GOCKMAN, R. L. *Orientation and Mobility skills for children*. Long Cane News, 1969, 3 (2).

HAPEMAN, L. B. *Developmental concepts of blind children between the ages of three and six as they relate to orientation and mobility*. The International Journal for the Education of the Blind, 1967, v. XVII, no 2, 41-48.

MELLO, H. F. R. *Deficiência Visual – Lições Práticas de Orientação e Mobilidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Apostila de Orientação e Mobilidade – Projeto Ir e Vir*. Brasília, 2002.

WELSH, R. L., BLASCH, B.B., WIENER, W. i Alteri. *Foundations of Orientation and Mobility*. New York: American Foundation for the Blind, 1990.

WILLOUGHBY, D.M. and MONTHEI, S.L. *Modular Instruction for Independent Travel – For Students Who Are Blind or Visually Impaired: Preschool Through High School*. National Federation of the Blind, 1800 Johnson Street, Baltimore, 1998. Orientação e Mobilidade. São Paulo: Gráfica e Editora Laramara, 1997.

GOCKMAN, R. L. *Orientation and Mobility skills for children*. Long Cane News, 1969, 3 (2).

HAPEMAN, L. B. *Developmental concepts of blind children between the ages of three and six as they relate to orientation and mobility*. The International Journal for the Education of the Blind, 1967, v. XVII, no 2, 41-48.

MELLO, H. F. R. *Deficiência Visual – Lições Práticas de Orientação e Mobilidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Apostila de Orientação e Mobilidade – Projeto Ir e Vir*. Brasília, 2002.

WELSH, R. L., BLASCH, B.B., WIENER, W. i Alteri. *Foundations of Orientation and Mobility*. New York: American Foundation for the Blind, 1990.

WILLOUGHBY, D.M. and MONTHEI, S.L. *Modular Instruction for Independent Travel – For Students Who Are Blind or Visually Impaired: Preschool Through High School*. National Federation of the Blind, 1800 Johnson Street, Baltimore, 1998.

Informações sobre Orientação e Mobilidade

Existem instituições particulares, centros de atendimento em universidades públicas e outras agências que oferecem atendimento na área da Orientação e Mobilidade em nosso país. Para não sermos injustos em publicar parcialmente esses endereços, consideraremos como fonte de informação os CAPs (Centro de Apoio Pedagógico para o Atendimento à Pessoa com Deficiência Visual) e os Serviços de Educação Especial das Secretarias de Estado.

Relação dos CAPs. – Centro de Apoio Pedagógico para o Atendimento ao Deficiente Visual

CAP – ACRE

Rua Omar Sabino de Paula, 650
Bairro Estação Experimental
CEP: 69906-400 - Rio Branco/AC
Tel.: (68) 3226-3826/3227-7660
e-mail: luizbraz@saci.org.br
luizbraz1@gmail.com

CAP – ALAGOAS

Escola de Cegos Cyro Accioly
Rua Pedro Monteiro, s/nº - Centro
CEP: 57020-380 - Maceió/AL
Tel.: (82) 3315-1363
Fax: (82) 3315-1367
e-mail: capalagoas@yahoo.com.br
escdecegoscyroaccioly@ig.com.br

CAP – AMAPÁ

Rua Almirante Barroso, 2299
Bairro Santa Rita
CEP: 68900-000 - Macapá/AP
Tel.: (96) 3212-5267/3212-5143
e-mail: capamapa@seed.ap.gov.br
selialencar@ig.com.br

CAP – AMAZONAS

Av. Jornalista Umberto Calderaro
Filho, 903 - Bairro Andrianópolis
CEP: 69057-021 - Manaus/AM
Tel.: (92) 3642-4148 / Fax: 3642-4267
e-mail: rosanaduarte@gmail.com

CAP – BAHIA - Salvador

Rua da Jaqueira, 12 - Bairro Nazaré
CEP: 40050-570 - Salvador/BA
Tel.: (71) 3321-8935/3321-3014
Fax: (71) 3322-4133
e-mail: cap.bahia@oi.com.br
jprageres@sec.ba.gov.br

CAP – BAHIA - Feira de Santana

Av. Eduardo Fróes da Mota, 05
Bairro Santa Mônica
CEP: 44050-220 - Feira de Santana/BA
Tel./ Fax: (75) 3625-7755
e-mail: goretteserqueira@uol.com.br

CAP – CEARÁ

Rua Dr. João Guiherme, 339
Bairro Antônio Bezerra
CEP: 60356-770 - Fortaleza/CE
Tel.: (85) 3101-7826/3235-7578
Fax: (85) 3101-5083
e-mail: institutocegos@yahoo.com.br

CAP – DISTRITO FEDERAL

SGAS 612 - Porjeção J - LOTE 10
Área Especial
CEP: 70200-720 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3901-7607 / Fax: 3901-7609
e-mail: ceedv@bol.com.br
cap_df@ig.com.br

CAP – ESPÍRITO SANTO

EESM Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto
Av. Leitão da Silva, s/nº
Praia do Suá
CEP: 29052-111 - Vitória/ES
Tel.: (27) 3137-3589
Fax: (27) 3345.5172/3137-3697
e-mail: cap.es@ibest.com.br

CAP – GOIÁS

Av. Anhanguera, 5110 - 4º andar
Ed. Moacir Teles - Centro
CEP: 74043-010 - Goiânia/GO
Tel.: (62) 3201-7423/3201-7425
Fax: (62) 3201-3549
email: cap-dv-go@uol.com.br

CAP – MARANHÃO

Av. Roberto Simonsen, 100
Bairro Santa Cruz
CEP: 65046-390 - São Luiz/MA
Tel.: (98) 3253-7231/3253-7279
e-mail: capma1@hotmail.com

CAP – MATO GROSSO

Rua dos Crisântemos, 16
Bairro Jardim
CEP: 78043-156 - Cuiabá/MT
Tel.: (65) 3624-3404/3321-3296
Tel./ Fax (65) 3322-5514
e-mail: capmt@uol.com.br

CAP – MATO GROSSO DO SUL

Rua da Paz, 214 - Anexo da
E. E. Lucia Martins Coelho
Bairro Jardim dos Estados
CEP: 79002-190 - Campo Grande/MS
Tel.: (67) 3314-1207/3314-1208
Fax: (67) 3324-5383
e-mail: sec1256@net.ms.gov.br

CAP – MINAS GERAIS - Belo Horizonte

Rua Tupis, 149 - 7º andar - Centro
CEP: 30190-060 - Belo Horizonte/MG
Tel.: (31) 3277-4716 Fax: 3277-4517
e-mail: geccap@pbh.gov.br
elizabeth.dias@pbh.gov.br

CAP – MINAS GERAIS - Montes Claros

Rua Eponina Pimenta de Carvalho,
176 - Vila Santa Maria
CEP: 39401-078 - Montes Claros/MG
Tel.: (38) 3221-6740/3212-7054
e-mail: capmontesclaros@hotmail.com

CAP – MINAS GERAIS – Patos de Minas

E. E. Profa. Elza Carneiro Franco
Rua Escolástica Alves Landim, s/nº
Bairro Santo Antônio
CEP: 38700-546 - Patos de Minas/MG
Tel.: (34) 3821-3188/Fax: 3814-0005
e-mail: helen.mota@bol.com.br
cida_delima@yahoo.com.br

CAP – MINAS GERAIS – Uberaba

E. E. Alceu Novais
Av. Dr. Hélio/General Osório, 93
Bairro Estados Unidos
CEP: 38017-350 - Uberaba/MG
Tel./Fax: (34) 3321-6606
e-mail: capuberaba@gmail.com
alceunovais@katatudo.com.br

Rua Marques do Paraná, 351
Bairro Estados Unidos
CEP: 38015-150 - Uberaba/MG
Tel.: (34) 3321-5546
e-mail: icbc.ura@terra.com.br

CAP – PARÁ – Belém

Unidade Educacional Especializa-
da José Álvares de Azevedo
Rua Presidente Pernambuco, 497
Bairro Batista Campos
CEP: 66015-200 - Belém/PA
Tel.: (91) 3276-8655/3222-5930
Tel./Fax: (91) 3230-2900
email: meo.mat@ibest.com.br

CAP – PARÁ – Santarém

Av. Curuá-Una, s/nº Anexo a 5ª URE
Bairro do Livramento
CEP: 68020-650 - Santarém/PA
Tel.: (93) 3524-3000/Fax: 3524-1489
e-mail: capstm@hotmail.com
caostm@hotmail.com

CAP – PARAÍBA

FUNAD – Fundação Centro Integra-
do de Apoio ao Portador
de Deficiência Visual
Rua Dr. Orestes Lisboa, s/nº
Conjunto Pedro Gondim
CEP: 58031-090 - João Pessoa/PB
Tel.: (83) 3244-2451/3244-1542
3243-8446/3243-8763
www.funad.pb.gov.br

CAP – PARANÁ – Curitiba

Rua Máximo João Kopp, 274 Bloco 4
Bairro Santa Cândida
CEP: 82630-900 - Curitiba/PR
Tel.: (41) 3351-6644
Fax: (41) 3351-6600/3351-6688
email: deecap@pr.gov.br

CAP – PARANÁ – Cascavel Estadual

Av. Brasil, 2040 - Bairro São Cristóvão
CEP: 85816-290 - Cascavel/PR
Tel.: (45) 3218-7733
Fax: (45) 3226-2588
e-mail: cap_cascavel@yahoo.com.br

CAP – PARANÁ – Cascavel Municipal

Av. Assunção, 1757 - 2º piso - Sala 233
Bairro Alto Alegre
CEP: 85805-030 - Cascavel/PR
Tel.: (45) 3902-1767
e-mail: luziaas@ondasbr.com.br
luziaas@terra.com.br

CAP – PARANÁ – Francisco Beltrão

Av. Júlio Assis Cavalheiro, 1272
Centro (Anexo ao CEEBJA)
CEP: 85601-000 - Francisco Beltrão/PR
Tel./Fax: (46) 3523-6385
email: capfde@gmail.com

CAP – PARANÁ – Londrina

Av. São Paulo, 294 - 3º andar - Centro
CEP: 860110-060 - Londrina/PR
Tel.: (43) 3338-7999
e-mail: cap.londrina@seed.pr.gov.br

CAP – PARANÁ – Maringá

Av. Carneiro Leão, 93 - Centro
cep: 87014-010 - Maringá/PR
Tel.: (44) 3225-9696
Fax: (44) 3262-2205
e-mail: cap_maringa@pr.gov.br
ritabiazetto@seed.pr.gov.br

CAP – PERNAMBUCO

Rua Guilherme Pinto, 146
Bairro Graças
CEP: 52011-210 - Recife/PE
Tel.: (81) 3223-4458
Fax: (81) 3231-0936
e-mail: cap_pernambuco@yahoo.com.br

CAP – PIAUÍ

Unidade Escolar Domingos Jorge Velho
Rua Tote de Carvalho, s/nº
Antiga U. E. Estelina Dantas
Bairro Monte Castelo
CEP: 64017-390 - Teresina/PI
Tel.: (86) 3216-3276
e-mail: capthepi@yahoo.com.br

CAP – RIO DE JANEIRO – Angra dos Reis

Rua Maria Luiza de Oliveira, 121
Centro
CEP: 23900-000 - Angra dos Reis/RJ
Tel.: (24) 3368-8321
Fax: (24) 3365-0470
e-mail: emdvcapar@ig.com.br

CAP – RIO DE JANEIRO – São Gonçalo

CIEP - Djar Cabral Malheiros
Rua Francisco Portela, s/nº
Bairro Paraíso
CEP: 24435-000 - São Gonçalo/RJ
Tel.: (21) 2607-0839
Tel./Fax: (21) 2605-6200
e-mail: cap-rj@ig.com.br

CAP – RIO GRANDE DO NORTE

Centro Administrativo do RN-CEESP
Av. Salgado Filho KM 14 - Lagoa Nova
CEP: 59059-900 - Natal/RN
Tel.: (84) 3232-1450
e-mail: caprn@rn.gov.br

CAP – RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre
Rua André Belo, 577 - Centro
CEP: 90110-020 - Porto Alegre/RS
Tel./Fax: (51) 3211-2969
e-mail: cap-rs@bol.com.br

CAP – RONDONIA

Rua Paulo Leal, 357 - Centro
CEP: 78915-010 - Porto Velho/RO
Tel.: (69) 3224-2187
Fax: (69) 3223-2192
e-mail: katia.piva@hotmail.com

CAP – RORAIMA

Av. Santos Dumont, 439
Bairro São Pedro
CEP: 69309-048 - Boa Vista/RR
Tel.: (95) 3623-3065
e-mail: capdv_rr@zipmail.com.br

CAP – SANTA CATARINA – Florianópolis

Rua Ferreira Lima, 82 - Centro
CEP: 88015-420 - Florianópolis/SC
Tel./Fax: (48) 2106-5902
e-mail: capcb@pmf.sc.gov.br

CAP – SANTA CATARINA – Fundação

Catarinense de Educação Especial
Rua Paulino Pedro Hermes, 2785
Bairro Nossa Senhora do Rosário
CEP: 88110-693 - São José/SC
Tel.: (48) 3381-1638/3381-1675
3381-1624/3381-1660
Fax: (48) 3246-1316
e-mail: cap@fcee.sc.gov.br
depe@fcee.sc.gov.br

CAP – SÃO PAULO

Rua Pensilvânia, 115 - Brooklin
CEP: 04564-000 - São Paulo/SP
Tel./Fax: (11) 5091-3700/5091-3701
e-mail: cape@edunet.sp.gov.br

CAP – SERGIPE

Rua Vila Cristina, 194
Bairro Rosa José
CEP: 49015-000 - Aracaju/SE
Tel.: (79) 3179-1886
Fax: (79) 3217-2425 ramal 225
e-mail: caparacaju@ig.com.br

CAP – TOCANTINS

Quadra 103 – Sul – Av. LO 1, 64, Centro
CEP: 77100-000 - Palmas/TO
Tel.: (63) 3218-6103/3218-6104
Fax: (63) 3218.1447/3218-1457
e-mail: cap@seduc.to.gov.br
marymr@seduc.to.gov.br

**Serviços de Educação Especial
Secretarias de Estado****ACRE**

Departamento de Ensino Especial
Rua Rio Grande do Sul, 1907 Aero-
porto Velho Rio Branco/AC
CEP: 69903-420
Tel.: (68) 3213-2335/3213-2386
e-mail: ensinoespecialeducacao@ac.gov.br
ensino.educacao@c.gov.br

ALAGOAS

Departamento de Educação Especial
Rua Barão de Alagoas, 141 - Centro
CEP: 57025-210 - Maceió/AL
Tel.: (82) 315-1230
Tel./Fax: (82) 315-1275
e-mail: educa.especial@hotmail.com

AMAPÁ

Divisão de Educação Especial
Av. FAB., 96 – Centro
CEP: 68900-000 - Macapá/AP
Tel.: (96) 3212-5147/Fax: 3212-5274
e-mail: jesusmoraesmcp@bol.com.br

AMAZONAS

**Gerência de Ensino Fundamental -
Educação Especial**
Av. Perimetral, 1984 - Bairro Japiim
CEP: 69076-830 - Manaus/AM
Tel./Fax: (92) 3237-2480
e-mail: gaeeseduc@yahoo.com.br

BAHIA

**Coordenadoria de Ensino Funda-
mental - Educação Especial**
Av. Luiz Viana Filho, 600 - Sala 404
6ª Avenida - Sec. da Educação - CAB
CEP: 41750-300 - Salvador/BA
Tel.: (71) 3115-9185/3115-9199
Fax: (71) 3115-9014/3115-9199
e-mail: jprazer@sec.ba.gov.br

CEARÁ

**Núcleo de Educação Especial
Centro Administrativo**
Av. General Afonso Lima, s/nº
Bloco B - 2º andar - Cambeba
CEP: 60839-900 - Fortaleza/CE
Tel.: (85) 3101-3930/3101-3931 3101-3934
Fax: (85) 3101-3929
e-mail: soniakatia@seduc.ce.gov.br

DISTRITO FEDERAL

Diretoria da Divisão de Ensino Especial
Palácio do Buriti - 8º andar
CEP: 70075-900 - Brasília/DF
Tel.: (61) 3901-3240/3901-3243
Tel./Fax: (61) 3901-3241
e-mail: dee@se.df.gov.br

ESPÍRITO SANTO

Educação Especial
Av. Cêzar Hilal, 1111 - Praia do Suá
CEP: 29056-085 - Vitória/ES
Tel./Fax: (27) 3137-3797
e-mail: saavieira@sedu.es.gov.br

GOIÁS

Superintendência de Ensino Especial
Av. Anhanguera, 7171 - Setor Oeste
CEP: 74110-010 - Goiânia/GO
Tel.: (62) 3201-3118/3201-3119
3201-3124
Fax: (62) 3201-3040/3201-3044
e-mail: donizete.carvalho@seduc.
go.gov.br

MARANHÃO

Educação Especial
Rua Oswaldo Cruz, 775 - Centro
CEP: 65020-250 - São Luiz/MA
Tel.: (98) 3214-1489/3214-1676
e-mail: cristinadearaujo@hotmail.com
aacrcsitina@yahoo.com.br

MATO GROSSO

Coordenadoria de Educação Especial
Rua Projetada - Travessa B, s/nº
Centro Político Administrativo do
Mato Grosso
CEP: 78055-971 - Cuiabá/MT
Tel.: (65) 3613-6326/3613-6373
e-mail: educacaoespecial@seduc.
mt.gov.br

MATO GROSSO DO SUL

Educação Especial
Parque dos Poderes – Bloco 5
CEP: 79031-902 - Campo Grande/MS
Tel.: (67) 3318-2369/Fax: 3318-2283
e-mail: vcarbonari@sed.ms.gov.br

MINAS GERAIS

Diretoria da Educação Especial
Av. Amazonas, 5855 – Bloco C
Ala C - Sala 12
CEP: 30150-000 - Gameleira Belo
Horizonte/MG
Tel.: (31) 3379-8200
Fax: (31) 3379-8617
e-mail: ed.desp@educacao.mg.gov.br
desp.gab@educacao.mg.gov.br

PARÁ

Departamento de Educação Especial
Av. Governador José Malcher, 1621
CEP: 66610-090 - Belém/PA
Tel.: (91) 3222-8637/3225-0823
e-mail: chavesouza@seduc.pa.gov.br

PARAÍBA

**Fundação Centro Integrado de
Apoio ao Portador de Deficiência**
Rua Orestes Lisboa, s/nº
Conjunto Pedro Gondim
CEP: 58031-090 - João Pessoa/PB
Tel.: (83) 3224-1525
Fax: (83) 3224-2495
e-mail: mariaribeiro@funad.pb.gov.br

PARANÁ

Departamento de Educação Especial
Av. Água Verde, 2140
Bairro Água Verde
CEP: 80240-900 - Curitiba/PR
Tel.: (41) 3340-2500
Fax: (41) 3243-1249
e-mail: nelzasoaresdesa@seed.prgov.br

PERNAMBUCO

Diretoria de Educação Especial
Rua Siqueira Campos, 304
2º andar - Santo Antônio
CEP: 50010-010 - Recife/PE
Tel./Fax: (81) 3182-2000/3424-1078
e-mail: albanizes@educacao.pe.gov.br

PIAUI

Departamento de Educação Especial
Av. Pedro Freitas, s/nº
Centro Administrativo
Bloco D - Térreo
CEP: 64018-900 - Teresina/PI
Tel.: (86) 3216-3280/3216-3281
Tel./Fax: (86) 3216-3267
e-mail: vivianefaria@uol.com.br

RIO DE JANEIRO**Coordenadoria de Educação Especial**

Rua da Ajuda, 05 - 29º andar - Centro
 CEP: 20040-000 - Rio de Janeiro/RJ
 Tel.: (21) 2233-0570
 Fax: (21) 2233-0569
 e-mail: cdee@see.rj.gov.br
 napes.seeduc@gmail.com

RIO GRANDE DO NORTE**Coordenadoria de Educação Especial**

Centro Administrativo - Bloco 2
 1º andar - Lagoa Nova
 CEP: 59064-901 - Natal/RN
 Tel.: (84) 3232-2004
 Fax: (84) 3232-1434
 e-mail: joiran@rn.gov.br
 suesp@rn.gov.br

RIO GRANDE DO SUL**Divisão de Educação Especial**

Av. Borges de Medeiros, 1501- Centro
 CEP: 90119-900 - Porto Alegre/RS
 Tel.: (51) 3288-4801
 Fax: (51) 3288-4811
 e-mail: dee-dp@seduc.rs.gov.br

RONDÔNIA**Divisão de Educação Especial**

Rua Padre Chiquinho, s/nº
 Bairro Pedrinhas - Esplanada das
 Secretarias
 CEP: 78957-000 - Porto Velho/RO
 Tel.: (69) 3216-5338
 e-mail: vera.rsm@hotmail.com

RORAIMA**Divisão de Educação Especial**

Praça do Centro Cívico, 471 - Centro
 CEP: 69301-380 - Boa Vista/RR
 Tel.: (95) 3621-2825/2121-9771/2121-9773
 e-mail: deesp_rr@hotmail.com

SANTA CATARINA**Fundação Catarinense de Educação Especial**

Rua Paulino Pedro Hermes, 2785
 Bairro Nossa Senhora do Rosário
 CEP: 88110-694 - São José/SC
 Tel.: (48) 3381-1639/3381-1624
 Fax: (48) 3381-1660
 e-mail: rosane@pedradilha.com.br

SÃO PAULO**Gerência de Projetos Pedagógicos**

Rua Pensilvania, 115 - Brooklin
 CEP: 04564-000 - São Paulo/SP
 Tel.: (11) 5091-3700/5091-3707
 Fax: (11) 5091-3732
 e-mail: cape@edunet.sp.gov.br

SERGIPE**Centro de Referência em Educação Especial**

Rua Dom Bosco, 1207 - Bairro Suíssa
 CEP: 49040-780 - Aracaju/SE
 Tel.: (79) 3179-2085

TOCANTINS**Gerência de Educação Especial**

103 Sul - Av. LO 1, 64 - Anexo 2
 CEP: 77001-910 - Palmas/TO
 Tel.: (63) 3218-6103/3218-6104
 e-mail: marciadc@seduc.to.gov.br
 educacaoespecial@seduc.to.gov.br



CONSELHO BRASILEIRO DE OFTALMOLOGIA

Rua Casa do Ator, 1.117 - 29 andar
CEP: 04546-004 — São Paulo — SP
www.cbo.com.br



Rua Conselheiro Brotero, 338
CEP: 01154-000 — São Paulo — SP
www.laramara.org.br

